

DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2017n17p4>

E. P. Thompson e a tradição romântica inglesa

E. P. Thompson and the English Romantic Tradition

Luiz Alberto de Souza
Doutor em História pela UFSC
luiz_alberto82@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho analisa a importância do romantismo na obra do historiador inglês Edward Palmer Thompson. Para tanto, busca definir a visão romântica desde a perspectiva da análise crítica marxista. Na sequência, aborda a centralidade da tradição romântica inglesa para o projeto intelectual do chamado grupo dos historiadores marxistas britânicos. Finalmente, partindo de uma leitura do “Pós-escrito” à segunda edição de *William Morris*, realiza uma interpretação do sentido geral do romantismo enquanto elemento constituinte do pensamento e da perspectiva política de Thompson.

Palavras-chave: E. P. Thompson. Historiadores marxistas britânicos. Romantismo. Cultura. William Morris.

ABSTRACT: This paper analyzes the importance of Romanticism in the work of the English historian Edward Palmer Thompson. For that, it seeks to define the romantic view from the perspective of the Marxist critical analysis. In the sequence, it addresses the centrality of the English romantic tradition to the intellectual project of the so-called group of British Marxist historians. Finally, based on the “Postscript” reading to the second edition of *William Morris*, it makes an interpretation of the general meaning of romanticism as a constituent element of Thompson's thought and political perspective.

Keywords: E. P. Thompson; British Marxist historians; romanticism; culture; William Morris.

Originais recebidos em: 19/08/2017

Aceito para publicação em: 25/04/2018



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/) Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 17, p. 04-14, 2017. ISSN 1980-3532

Introdução

A palavra “cultura” foi um termo percebido com bastante cuidado pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson. Considerando-o um “conceito emaranhado” que, segundo ele próprio, muitas vezes, mais encobria e ocultava do que elucidava ou esclarecia (THOMPSON, 1998, p. 22), Thompson, no entanto, jamais evitou o termo ou negou o seu potencial epistemológico. Pelo contrário, aceitou ao longo de toda a sua obra o desafio de pensá-lo criticamente relacionando, de maneira dialética, às instâncias materiais e imateriais da vida humana.

Incorporando à sua reflexão muito do que o século XX produziu de mais sofisticado no que diz respeito à discussão em torno das dimensões simbólicas da vida social, Thompson buscou apresentar uma relação complexa entre as determinações sociais e econômicas e a formação da consciência de classe. Muito influenciado por intelectuais como Gramsci, a contribuição prática e teórica de Thompson representa, no interior da chamada “tradição de crítica ativa do materialismo histórico”, um dos momentos de maior originalidade no debate em torno do conceito de cultura (MATTOS, 2012, p.118-138). Uma colaboração que, aliás, ajudou a aprofundar a reflexão acerca de certos aspectos fundamentais da realidade humana ainda apenas esboçados por Marx e Engels no século XIX e que, sem dúvida, concede-lhe lugar de destaque na linhagem intelectual fundada por esses dois pensadores.

Frequentemente lembrado por *A formação da classe operária inglesa* (*The making of the english working class*, 1963), Thompson é, quase sempre, relacionado aos estudos acerca da “cultura popular” ou da “vida cultural dos pobres” (BURKE, 2004, p. 30). A tendência, por sua vez, é mais do que justificada. Realmente foi com esse estudo sobre a formação da classe trabalhadora na Inglaterra entre as décadas de 1790 até o início dos anos 1830 que Thompson marcou o seu nome como uma das mais importantes e influentes personalidades intelectuais do século XX. Como escreveu Eric Hobsbawm, foi com *A formação..* que Thompson projetou-se “como um foguete” tanto como “historiador quanto na vida pública” durante os anos 1960 (HOBSBAWM, 2001, p. 15). No mais, foi também com a tradução deste livro que Thompson passou a ser sistematicamente lido e estudado entre nós, brasileiros. A publicação em 1987 pela Editora Paz e Terra de uma edição em três volumes dessa obra tornou-se um verdadeiro

marco na renovação dos estudos sobre a classe operária no Brasil.¹ Ademais, além da sua relevância para o campo da história, *A formação...* tornou-se ainda um dos principais textos de referência teórica e metodológica para toda uma nova geração de cientistas sociais, filósofos, assistentes sociais, economistas e educadores (MATTOS, 2012, p. 2006).

O impacto de estudos como *A formação da classe operária inglesa*, bem como a lógica da recepção de Thompson no Brasil contribuiu, por sua vez, para ressaltar-lhe “a imagem de um historiador comprometido”, sobretudo, “com a história dos excluídos”, com a chamada “história vista de baixo” (PEREIRA, 2004, p. 303). Tal perfil, apesar de verdadeiro, tenderia, no entanto, a fixar-lhe uma imagem um tanto parcial. Sobretudo se considerarmos a totalidade da sua obra. Se em obras como *A formação...*, *Senhores e caçadores* e *Costumes em comum* verifica-se um Thompson mais próximo de uma abordagem “antropológica” do fenômeno cultural, em livros como *William Morris* e *Witness against the Beast* (ambos ainda sem tradução para a língua portuguesa) percebe-se o interesse manifesto por algumas expressões mais especializadas da cultura. Não obstante, se em todos os seus trabalhos pode-se, de fato, encontrar o entrecruzamento entre tradições culturais plebeias e de elite, o fato é que, em certas obras, Thompson buscou também focar a sua análise nas manifestações intelectuais e estéticas próprias dos grupos letrados e das classes dominantes. Esforço que, aliás, foi uma constante ao longo de toda a sua carreira e que cumpria um papel complementar no conjunto da sua problemática mais geral.

Neste artigo discutiremos a importância da reflexão sobre escritores como William Morris no esforço de elaboração dessa problemática. Conquanto, obviamente, longe de pretendemos esgotar o assunto, nosso objetivo nos limites desse trabalho será o de assinalar o lugar do romantismo inglês no interior da obra de Thompson. Para tanto, lançaremos mão da interpretação de alguns documentos onde, de algum modo, essa questão foi particularmente assinalada pelo autor. Em especial analisaremos o *Pós-escrito* à segunda edição de *William Morris*, texto de 1976, onde o historiador esclarece importantes aspectos acerca do seu interesse por essa tradição intelectual, bem como pela vida e obra do escritor inglês.

¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

Os românticos e os marxistas ingleses

A importância política e intelectual da temática romântica na obra de Thompson torna-se mais clara quando temos em mente o sentido geral do romantismo como visão de mundo, bem como o seu significado histórico no processo de desenvolvimento das sociedades capitalistas a partir do século XVIII. Portanto, partiremos daí para, em seguida, nos aproximarmos dos marxistas ingleses, e, por fim, da obra Thompson.

A visão romântica como perspectiva crítica ao capitalismo

Falar em romantismo exige algumas definições prévias. Rótulo bastante polissêmico, o adjetivo “romântico” não define apenas um movimento literário, mas todo um conjunto de características não necessariamente relacionadas ao universo das artes.

Para autores como Michael Löwy e Robert Sayre, o romantismo “não se limita, de modo algum, à literatura e arte, nem ao período histórico durante o qual se desenvolveram os movimentos artísticos ditos ‘românticos’” (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 28). Compreendido como um fenômeno extremamente diverso e contraditório, desde o século XIX, a palavra “romântico” vem servindo para denominar não apenas criadores de arte, mas também pensadores sociais e ideólogos políticos. Nesse sentido, não só escritores, poetas, pintores ou músicos já foram caracterizados como românticos, mas filósofos, teólogos, historiadores e economistas. Goethe, Byron, Delacroix e Tchaikovsky foram românticos, assim como Rousseau, Schleiermacher, Michelet e Sismondi. No mais, como esse próprio levantamento aleatório de nomes já sugere, o romantismo é, também, uma etiqueta usualmente empregada para classificar os produtos ideológicos e estéticos dos mais variados matizes. Revolucionários e contra-revolucionários, individualistas e comunitários, cosmopolitas e nacionalistas, realistas e fantásticos, retrógrados e utopistas já foram chamados “românticos”.

A contradição e a dissonância parecem ser traços distintivos do fato romântico. Tal característica tendeu a convencer alguns estudiosos acerca do suposto vazio e banalidade do próprio termo. Para críticos como Arthur O. Lovejoy, por exemplo, a “palavra romântico já significou um tão grande número de coisas que, em si mesma, já não significaria mais nada” (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 9-10).

Perspectivas como a de Lovejoy não se tornaram preponderantes e o termo vem mantendo-se há pelo menos dois séculos no vocabulário político e estético. As diversas tentativas de definição do romantismo, no entanto, poucas vezes tangenciaram o cerne da questão. Limitando-se quase sempre apenas a uma das dimensões do fenômeno (o romantismo como manifestação estritamente literária, por exemplo) ou à mera descrição tipológica – individualismo e subjetivismo, ilogismo, senso do mistério, escapismo, retorno ao passado, sonho, exotismo... (LUFT, 1979, p. 331-332) – o principal acerca do fenômeno romântico permaneceu amplamente ignorado.

O que conferiria, então, força e unidade às mais diversas expressões usualmente definidas como “românticas”? Quais os elementos que dariam conta de toda a extensão e variedade do fenômeno romântico? É em meio ao conjunto de tentativas de respostas a essas perguntas que Löwy e Sayre percebem o diferencial da perspectiva marxista. Uma leitura que, segundo esses autores, tem o mérito de “ter salientado o *essencial*, designado o eixo comum, o elemento unificador do movimento romântico na maioria, se não na totalidade, de suas manifestações através dos principais focos europeus (Alemanha, Inglaterra, França)” (LÖWY; SAYRE, 1993, p. 12). E que eixo seria esse? Os autores são precisos: o seu caráter de “oposição ao capitalismo”.

A tradição romântica e os marxistas ingleses

Löwy e Sayre identificam na tradição marxista – ou em obras inspiradas por ela – as trilhas que melhor conduziriam a um entendimento mais adequado do romantismo. Para esses autores, a despeito das inúmeras ressalvas, restrições e mesmo incompreensões encontradas no interior dessa linhagem de pensamento, é nela em que se encontra a percepção acerca do mais importante referente à visão de mundo característica do romantismo. A saber, a sua qualidade peculiar de “crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno)” (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 34).

Nem todos os marxistas, contudo, alcançaram uma interpretação mais matizada do fenômeno romântico. Apesar das muitas observações positivas realizadas por Marx e Engels acerca de diversos críticos românticos do capitalismo industrial, tais como Sismondi, Nikolai Danielson, Dickens e Balzac (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 135), o

romantismo permaneceu sendo abordado de modo parcial e redutor pela maioria dos pensadores marxistas do final do século XIX e início do XX.

A fórmula “romantismo = passadismo = reacionarismo” foi um lugar comum entre os intelectuais marxistas da Segunda e Terceira Internacionais. A dificuldade de apreensão do romantismo em suas relações antagônicas, bem como a redução da crítica antiburguesa romântica aos seus aspectos exclusivamente reacionários, conservadores e retrógrados, apesar de ter o seu exemplo mais extremo na historiografia stalinista (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 21), não se restringiu a ela. A visão marxista que restringia o romantismo a uma expressão ideológica contra-revolucionária se fez presente, inclusive, em pensadores mais heterodoxos. Era este, por exemplo, o caso de György Lukács, um dos mais importantes e influentes intérpretes do romantismo no contexto da crítica literária do século XX. O filósofo húngaro, no entanto, a despeito da sua tendência em perceber apenas a dimensão “antiprogredista” dos românticos, agregou ao seu favor o mérito de ter criado a noção de “anticapitalismo romântico” para indicar “o conjunto das formas de pensamento em que a crítica da sociedade burguesa se inspira em uma nostalgia passadista” (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 23).

Não obstante, a despeito dessa tendência mais ou menos hegemônica no interior do marxismo em compreender o romantismo única e exclusivamente pelo seu viés conservador, alguns autores foram particularmente sensíveis a esta forma particular de oposição à modernidade chegando mesmo a percebê-la nas suas modulações mais progressistas ou francamente revolucionárias. Nesse sentido, diferentes nomes ligados ao chamado grupo dos historiadores do Partido Comunista Inglês realizaram algumas das contribuições mais originais a respeito do tema.

A relação dos marxistas ingleses com a tradição romântica poderia muito bem ser considerada como uma das peculiaridades do grupo. Fundada em 1952 por historiadores ligados ao Partido Comunista, a revista *Past & Present*, por exemplo, já trazia no título uma importante pista para dimensionarmos o interesse que o romantismo inglês assumiu para intelectuais como Eric Hobsbawm, Raymond Williams e E. P. Thompson.²

² *Past & Present* parece-nos uma clara alusão ao livro homônimo de Thomas Carlyle. Publicada em 1843, nesta obra Carlyle realiza uma crítica da sociedade inglesa do século XIX a luz de certa leitura da Idade Média. Pode-se dizer que *Past & Present* é exemplar de uma tradição intelectual reivindicada por diversos intelectuais ligados ao grupo fundador da revista: a tradição inglesa de crítica romântica à sociedade capitalista-industrial. Ver, por exemplo, o capítulo dedicado por Raymond Williams a Thomas Carlyle no livro *Cultura e sociedade*.

Williams é um dos melhores exemplos disso. Percebendo na tradição de crítica romântica à sociedade industrial as raízes mais profundas de um discurso inglês sobre a cultura, Williams realizou um estudo sistemático sobre essa questão. Em seu primeiro livro, *Cultura e sociedade*, publicado em 1958, Williams analisou escritores como Edmund Burke, William Cobbet, Thomas Carlyle, John Ruskin e William Morris. Nele, embora reconhecendo os limites de cada um desses autores, o crítico sublinhou a legitimidade das suas oposições ao advento de um universo de valores e a sistema de vida que se lhes afigurava como profundamente antinatural e desumano. Seu livro tentava identificar, portanto, uma longa e viva tradição inglesa de crítica cultural ao capitalismo. Uma linhagem de pensamento passível de ser mobilizada contemporaneamente pelas forças progressistas às quais o próprio Williams se identificava. Pode-se dizer, portanto, que *Cultura e sociedade* foi concebido como um texto de intervenção política no interior de um debate intelectual acerca do significado da ideia de cultura na Inglaterra. Uma discussão que, entre as décadas de 1940 e 1950, vinha sendo monopolizada, cada vez mais, por intérpretes conservadores como T. S. Eliot e F. R. Leavis (KUPER, 2002, p. 63-71).

Qual foi a minha primeira motivação para escrever o livro [*Cultura e sociedade*]? Ela era de oposição – ir contra a apropriação de uma longa linhagem de pensamento sobre cultura feita a partir de posições, naquele momento [décadas de 1940 e 1950], indubitavelmente reacionárias. Eu me perguntava se deveria escrever uma crítica daquela ideologia de maneira completamente negativa, algo que considerei fazer em determinado momento, ou se o caminho correto seria tentar recuperar a complexidade real da tradição que havia sido confiscada, de modo que a apropriação pudesse ser apreciada pelo que ela era de fato. Ao cabo, decidi pela segunda estratégia, que me permitiu refutar o uso contemporâneo crescente do conceito de cultura contra a democracia, o socialismo, a classe trabalhadora ou a educação popular nos termos da própria tradição. A versão seletiva de cultura poderia ser rebatida historicamente pelos textos dos pensadores que contribuíram para a formação e discussão dessa ideia (WILLIAMS, 2013, p. 88).

Cultura e sociedade, então, sistematizava e reclamava uma linhagem de pensamento em relação à qual o seu próprio autor se via em franca continuidade. Williams, contudo, não estava sozinho nesse esforço de reivindicação intelectual e política da tradição romântica inglesa. Alguns anos antes da publicação do seu livro, em 1955, Thompson publicava aquele que é considerado o seu “primeiro trabalho importante” (HOBSBAWM, 2001, p. 18): a biografia de William Morris. Um dos

principais autores do romantismo inglês no século XIX e uma das suas influências políticas e intelectuais mais relevantes.

Thompson e os românticos

Para entendermos a importância atribuída por Thompson ao estudo de personalidades como a de Morris é necessário que tenhamos em mente duas coisas. Em primeiro lugar, é preciso notar que, assim como Williams e diversos outros intelectuais do seu grupo e geração, o historiador percebeu algo que desde o século XIX permanecia latente em certos segmentos da tradição marxista. No caso, o fato de que “a visão romântica é, por essência, uma reação contra as condições de vida na sociedade capitalista” (LÖWY; SAYRE, 1993, p. 20-25). Por outro lado, é necessário lembrar também o sentido geral que orientava o esforço intelectual do grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico ao qual Thompson, em sua juventude, esteve ligado. Ou seja, a “compreensão histórica do desenvolvimento do capitalismo inglês numa perspectiva marxista” (FORTES et al., 2001, p. 31).

Dito isto, pode-se afirmar que, em última análise, o que se encontra na base do interesse de Thompson para com os românticos é a sensibilidade dialética para com relação às contradições da sociedade de classes na Inglaterra. Algo que permitiu a esse historiador perceber a realidade – evidente, mas nem um pouco óbvia – de que, ao se constituir, o capitalismo inglês engendrou as suas negações não só no seio das classes trabalhadoras, mas também no interior das elites intelectuais.

Não obstante, se os românticos, de um modo geral, eram relevantes para Thompson, William Morris, por sua vez, afigurava-lhe como um caso particularmente interessante. Poucos textos são tão expressivos acerca da importância atribuída por Thompson ao legado romântico de Morris do que o célebre “Pós-escrito”, de 1976. Publicado vinte e um anos após a edição original de *William Morris*, nesse texto Thompson reiterou o seu empenho nas possibilidades da confluência da tradição romântica utópica de crítica ao capitalismo com o marxismo. Tal articulação, por sua vez, representaria uma das possibilidades de renovação da esquerda marxista, bem como um ponto de partida para a formulação, no século XX, de uma ideia de socialismo humanista. Segundo o autor,

[...] o que pode estar envolvido no “caso Morris” é o problema da subordinação das faculdades imaginativas utópicas dentro da tradição marxista posterior: sua carência de autoconsciência moral ou mesmo de um vocabulário relativo a desejo, sua incapacidade de projetar quaisquer imagens sobre o futuro, ou mesmo sua tendência de recair, ao contrário, sobre o paraíso terreno do utilitarismo – a maximização do crescimento econômico (THOMPSON, 2012, p. 73).

Para Thompson, portanto, uma abertura maior com relação à tradição romântica poderia ter funcionado como uma salvaguarda ao autoritarismo, burocratismo e economicismo próprios das correntes marxistas hegemônicas no século XX. De acordo com a sua visão, o que havia de melhor e mais relevante em Morris ao adentrar a tradição marxista era justamente aquilo que ele trazia consigo da tradição romântica de crítica ao capitalismo: a sua profunda autoconsciência moral e um entendimento constante do futuro como possibilidade a ser criada. Ou seja, o seu compromisso com os fins e não com os meios, bem como a sua capacidade “sonhar” (THOMPSON, 2012, p. 79).

Morris, segundo a interpretação thompsoniana, representou um nó entre dois universos. O fato do escritor inglês ter caminhado gradativamente do protesto romântico à militância ativa junto à Liga Socialista, bem como ter se interessado cada vez mais pelo marxismo, faz toda a diferença para o historiador. E isso não pelo fato de Morris ter supostamente evoluído ou se elevado de romântico e utópico à militante marxista, mas justamente por ter se conservado um romântico utópico ao se tornar um militante marxista. Ou seja, para Thompson, o “caso Morris” ensinava que ser comunista e utópico não constituía um paradoxo, mas uma expressão de coerência. Na sua visão, Morris sempre manteve consigo os anticorpos que poderiam ter livrado a tradição marxista, em seu desenvolvimento posterior, do engessamento político e intelectual que a conduziu, no seu momento mais dramático, ao stalinismo.

Considerações finais

Ao lado de *A formação da classe operária inglesa*, *William Morris*, a despeito da sua menor notoriedade, pode ser considerado um dos livros mais importantes de E. P. Thompson. Nessa obra, assim como no clássico de 1963, ao tratar de um escritor romântico, Thompson também deu vazão a uma das suas grandes predileções temáticas: “a tradição da dissidência” (FORTES et al., 2001, p. 23). Tradição com a qual, ele próprio, como intelectual inglês, viria sempre a se identificar a ponto de, já em 1955, se

Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 17, p. 04-14, 2017. ISSN 1980-3532

autodefinir como um “marxista humanista e morrisiano-marxista” (MÜLLER; MUNHOZ, 2010, p. 32).

A importância de Morris, bem como o conjunto da tradição romântica de crítica ao capitalismo na Inglaterra, representou, portanto, para Thompson, bem mais do que um interesse circunstancial. Em verdade, o romantismo inglês foi um dos elementos estruturadores do seu pensamento e militância. Segundo Hobsbawm, Thompson via a si mesmo como um dos representantes de uma linhagem que se estendia a Vico e Marx, mas que passava também pelos poetas William Blake e o próprio Morris. No mais, tal insistência na tradição romântica, manteve-se ao longo de toda a sua obra e se expressa, inclusive, no seu último livro, *Witness against the beast*, “um estudo do movimento romântico inglês da década de 1790”, bem como em inúmeros artigos, ensaios conferências e palestras proferidas ao longo de toda a sua carreira (THOMPSON, 2002).

A reflexão sobre a história de luta e resistência da classe operária contra a destruição das suas formas tradicionais de organização do trabalho, tão bem conduzida por Thompson em obras como *A formação...*, é, em suma, complementar à sua análise da tradição de crítica romântica à civilização industrial realizada por escritores como Blake, Coleridge, Ruskin e Morris. Assim, ao valorizar personalidades como Morris, o que Thompson buscou foi estabelecer o nexo entre duas linhas pertencentes a um mesmo processo. Isto é, tentou encontrar na história os momentos de contato entre uma longa e sofisticada tradição de crítica aos efeitos do desenvolvimento capitalista na Inglaterra e uma longa e amadurecida tradição de lutas populares fortemente enraizada na experiência do povo inglês (LÖWY; SAYRE, 1999). Um encontro que, aliás, Thompson percebia ainda não haver se completado e que lhe parecia essencial para a renovação do marxismo em seu esforço de autocrítica após as revelações dos crimes de Stalin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956.

Referências

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; FONTES, Paulo. Peculiaridades de E. P. Thompson. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (Orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

HOBBSAWM, Eric. E. P. Thompson. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (Orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 17, p. 04-14, 2017. ISSN 1980-3532

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams. *Crítica Marxista*, n.8, p. 43-66, 1999.

_____. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1979.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MÜLLER, Ricardo Gaspar; MUNHOZ, Sidnei J. Edward Palmer Thompson. In: LOPES, Marcos Antônio; MUNHOZ, Sidnei J. (Orgs.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Os românticos. *Cadernos AEL*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20/21, p. 303-311, 2004.

THOMPSON, Dorothy. Prefácio. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Pós-escrito. In: MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz. *E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó, SC: Argos, 2012.

WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. *Cultura e sociedade – 1780-1950*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.